



CONTOS E POEMAS
SOBRE O

FUTURO

VOL. X

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

SELO CONEXÃO LITERATURA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-95916-0
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SONHO, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 05
NOTAS DE UM SONHO CLONADO, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 07
RETRATO DO AMANHÃ, POR CERSOKKA, PÁG. 10
FUTURO DISTÓPICO, POR EVA MARIA ZORZO GRIEP, PÁG. 12
LÁGRIMA ROUBADA, POR FLAVIA SEREIA (FLAVIO JOPERT), PÁG. 14
CARNAVAL DOS SONHOS, POR LUÍS HENRIQUE BOSCATO, PÁG. 17
SONHOS DO FUTURO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 21
MIMETISMO (PARTE 1), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 23
MIMETISMO (PARTE 2), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 28
3A: O SEMEADOR DO FUTURO, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 36
AGUILHÕES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 39
DÚBIA ESPERANÇA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41
O MUNDO EM QUE CHEGAMOS, POR SÉRGIO LAPASTINA, PÁG. 43
OS 36 JUSTOS, POR SHEILA SACKS, PÁG. 48
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 53



CONTOS E POEMAS
SOBRE O
FUTURO

VOL. X

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

SELO CONEXÃO LITERATURA



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sonho

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Magoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prémio Literário Internacional Suisse Excellence

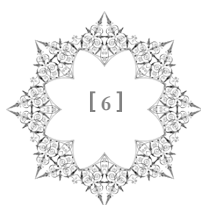
2025; Homenagem por mérito O Prémio Afro events Luxemburgo

Sonhei num sonho feliz, que expressa a sua realidade
Naquele que o sol dorme à sombra do planeta sombrio
Luar erguendo o brilho deslumbrante sobre o território
Onde residia a esperança dos vampiros e a benignidade

Essa visão que sonhei, fruto da imaginação enxurrada
Que revolta com o gargantear dos galos barulhentos
Que ergueu a aurora aos meus olhos dos seus lamentos
Que me despertou daquela andança memorável vivida

Sonhei com alguém!... Sem fisionomia, de límpido coração
Com os sentimentos iguais aos meus entulhado de lágrimas
Onde residiu a imensa solidão que deriva em decepção

Ah! Como a imaginação despistou essa santa da sua utopia
Desesperada nos sentimentos inúmeras meditando lástimas
Que sempre balbuciou em verso ou em livre de mágoa cheia





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Notas de um sonho clonado

Por Bruno Nascimento Coelho

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasileiro, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.

O céu de Brasília não tinha estrelas, apenas o reflexo néon das plataformas suspensas sobre o Eixo Monumental. Sob o concreto brutalista da 108 Sul, as luzes de uma paróquia antiga piscavam entre bandeirinhas de plástico e o cheiro de quentão. Era ali que Cid esperava.

Quando ela surgiu, atravessando a névoa úmida da noite, Cid sentiu o peito arder. Era Lara. O mesmo passo leve, o mesmo corte de cabelo geométrico, o mesmo olhar que, durante anos, foi para ele um enigma indecifrável.

— Você veio — ele disse, quase sem fôlego.

— Eu não poderia faltar — ela respondeu. Havia uma doçura nova em sua voz, uma hesitação que a Lara "matriz" nunca permitira transparecer.

Eles caminharam entre as barracas. Riram como nunca haviam rido em dez anos de amizade. O clone, programado para ser um espelho social perfeito, começou a falhar da maneira mais humana possível: ela começou a se desviar do roteiro. Lara (a Matriz) dera uma ordem clara: "Seja gentil, distraia-o, mantenha a amizade." Mas, sob o céu de Brasília, o clone sentia o calor da mão de Cid e a pulsação de uma vida que só duraria até o amanhecer.

O beijo aconteceu perto da fogueira. Foi um beijo de descoberta, não de protocolo. Naquele momento, o "andril" de Philip K. Dick e a "sombra" de Jung colidiram.

O Despertar no Concreto

Horas depois, sentados no parapeito de um viaduto com vista para a Esplanada silenciosa, a verdade emergiu como uma sentença kafkiana.

— Eu não sou ela, Cid — ela confessou, as mãos tremendo. — Eu sou um eco. Tenho as memórias dela, os traumas dela, mas meu corpo foi sintetizado ontem às 08h00. Às 08h00 de hoje, eu deixo de existir.

Cid recuou, o rosto pálido sob a luz de mercúrio.

— Então ela te mandou porque não teve coragem? Isso é uma piada burocrática? Ela terceirizou o amor?

— Não — o clone chorou, e suas lágrimas eram quimicamente idênticas às de Lara. — Ela me mandou para manter a distância. Mas eu... eu ultrapassei a diretriz. Cid, Jung diria que eu sou a alma que ela escondeu. Kafka diria que sou apenas um erro no sistema. Mas eu sinto que sou algo novo. Eu amo você, não porque fui programada, mas porque,

em dezesseis horas, eu vivi uma vida inteira de arrependimentos que ela levou décadas para acumular.

Cid olhou para aquela mulher. Era a mesma face que ele amara em silêncio, mas habitada por uma consciência faminta por existência. Ele percebeu a tragédia: a Lara real era uma prisioneira da própria segurança; o clone era a única Lara livre, justamente porque estava morrendo.

O Setor Comercial Sul

O relógio digital no topo de um edifício no Setor Comercial Sul (SCS) marcava 07h45. O SCS, com seus vãos escuros e labirintos de concreto, parecia o cenário de um pesadelo de Kafka. A câmara de eliminação era uma sala asséptica, escondida entre escritórios de advocacia e repartições públicas.

Eles entraram juntos. O sistema não barrou Cid; para a máquina, ele era apenas um objeto irrelevante, uma testemunha orgânica.

— Você não precisa ficar — ela sussurrou, entrando no círculo demarcado no chão.

— Se eu sair, você morre como um produto — Cid respondeu, segurando suas mãos. — Se eu ficar, você morre como o amor da minha vida.

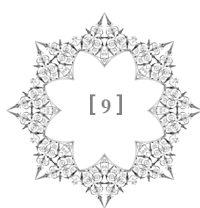
O feixe de energia começou a zumbir no teto, uma luz azulada e fria que descia como uma guilhotina de fótons.

— Eu te amo — ela disse, e não era a voz de uma máquina, era a voz de alguém que havia vencido o determinismo biológico.

— Eu te amo, Lara — ele respondeu, sabendo que nomeava não a matriz, mas aquela consciência única e efêmera.

Eles se beijaram uma última vez. Quando o feixe passou, Cid sentiu apenas um formigamento frio, mas seus braços, subitamente, envolveram o vazio. O clone se desintegrou de baixo para cima, tornando-se poeira luminosa que brilhou por um segundo antes de ser sugada pelo sistema de ventilação.

Cid saiu da câmara sozinho. No horizonte, o sol de Brasília nascia, indiferente, iluminando os palácios de uma cidade onde tudo era planejado, mas nada, nem mesmo o amor, era permanente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Retrato do amanhã

Por Cersokka

Celso Manoel, é músico e poeta, apaixonado por ensinar. Escreve em silêncio; agora, compartilha suas poesias, embora nunca as tenha divulgado. Atualmente, dedica-se ao trabalho e às aulas, mantendo viva sua criatividade ao escrever.

Ansiamos o futuro sem enxergá-lo,
E nenhum conhecimento nos é suficiente
Ele está tão próximo quanto o próximo passo,
Mas não sabemos
Se seremos fortes o bastante para dá-lo.
O tempo não explica nada
Não espera e nem decide por nós
O hoje é o peso que carregamos
O amanhã é a ficção que nos desafia,
Nos provoca,
E nos obriga a criar sentido.
Ele exige preparo, escolhas e ação
O futuro é inacessível
Não se revela como promessa,
Ele simplesmente aparece
Não antes do nosso despertar
Mas quando ousamos viver.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Futuro distópico

Por Eva Maria Zorzo Griep

Eva Maria Zorzo Griep é Professora aposentada, formada em Pedagogia. Leitora desde o início da vida escolar, sempre encontrou nos livros um espaço de aprendizado e sensibilidade. A escrita é a sua forma de observar o mundo.

Nos falaram, tempos atrás, que
carros voariam pelos céus,
que já estaríamos viajando em
naves.

Mas não.

Apenas humanos cansados,
enquanto robôs colhiam nossas
últimas partículas de humanidade
descontente.

As ruas brilhavam em anúncios
que nos vendiam o que já fomos.
E assim fomos trocando sonhos
por wi-fi, objetivos, pacotes de
dados...

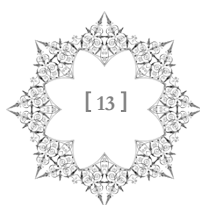
Nossos abraços viraram emojis,
nossas palavras figurinhas.

As cidades cresciam, subiam aos
Céus

E nós pedíamos aos algoritmos
que nos dissessem quem amar,
quem odiar, até quando respirar.
Mas um grupo de desconectados
plantavam árvores e flores em
lugares proibidos.

Em voz baixa, sussurravam que
o sistema apagaria: liberdade,
beleza, verdade. Eram palavras
consideradas perigosas., mas seus
corações batiam em um ritmo que
as máquinas não decifravam.

Um som estranho para elas,
vindo daqueles que ainda se
chamavam de ser humano.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lágrima roubada

Por Flavia Sereia (Flavio Joppert)

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

“Essa é de como Flavio Joppert cantando com poesia, faz do canto da sereia uma ferramenta de proteção ao mar”

Gota salgada
que da face
de uma mãe
chorosa escorre.

Ao ver teu filho
morto a beira mar.
De mar que outrora
de lágrimas fez o sal.

A gota pinga
na ampola macabra.
De células mortas
desde já despejadas.

Lançadas ao mar,
feito moribundos
de uma tripulação
fadada à morte.

Este sal de ósmio
que envenena teu filho,
como tuas lágrimas
envenenam o mar.

Rumo ao ponto
de mutação,
em que a potência
vira ato:

como o romper
da aurora
a massa crítica
é caminho sem volta.

A última gota.
A precipitação.
Toda vida do mar
jaz morta.

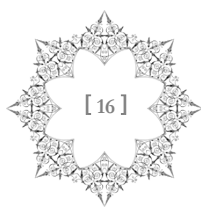
Do ósmio,
a dose letal
dá morte aos peixes
e a todo mar.

Transforma as águas
em outro lugar.
Despejo de esgotos
já sem vida.

Um local no qual
nunca mais
se possa habitar.
Provando vez por todas:

a inexistência de Sereias,
a certeza de ictiossauros,
e daqui ao horizonte:
um local de Dante.

“O ponto de saturação é uma quantidade desconhecida, em que ósmio no mar é capaz de matar toda a vida. É como se fosse um baixar de encosto: baixa o encosto e todos os peixes do mar estão mortos”





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Carnaval dos sonhos

Por Luís Henrique Boscato

Natural de Nova Bassano-RS, esta é das primeiras participações em concursos literários. Sou escritor iniciante, apesar de já ter começado a escrever em 1984, mas nunca fui além de escritos esporádicos.

Cada vez que eu ia para sair, lembrava que tinha esquecido alguma coisa. E isso já se repetia a pelo menos meia hora.

Ainda tinha que passar na casa de um colega, mas eu já havia dito que passaria lá assim que estivesse pronto. O problema era: eu conseguiria me aprontar? Já estava começando a duvidar disso.

Resolvi que levaria algum dinheiro, além do necessário para a entrada, mas não poderia ser muito. Final de mês...

Ninguém na rua, nada para me atrapalhar. Muito bom. A noite estava estrelada, e a ida até o clube era uma das partes que eu mais gostava — mesmo que tivesse que ir a pé. Na verdade, estava acostumado a sair caminhando, e gostava de prestar atenção nas paisagens ao longo do percurso.

Assim, cheguei, após algum tempo de caminhada, na entrada do clube, lá encontrei com meus amigos, entre eles quem eu deveria ter passado na casa. Esquecera-me dele.

Víamos, sentados na mesa, tomando umas “biritas”, as pessoas entrarem no clube, muitos em famílias. Mas nós ficávamos ali sentados, apenas observando, até a hora que resolvêssemos entrar.

As moças e mulheres que entravam ficavam olhando para nós como se fôssemos estranhos, quando na verdade muitos nos conheciam. E muitas daquelas moças eram nossas colegas no colégio.

Logo depois de termos terminado as cervejas, resolvemos entrar no clube para podermos curtir o baile. Também já passava da hora.

Como num piscar de olhos, estávamos dentro do salão, prontos para começar a dançar. Várias pessoas estavam fantasiadas, mas todas eram muito bem feitas. Pareciam quase reais.

Outrora, quando usávamos apenas máscaras, todos se conheciam. Mas agora, parecia que, quanto menos se soubesse quem eram, maior era a surpresa que se causava.

Logo vislumbrei uma garota que estava com uma máscara de sereia, com guelras nas laterais da mesma. Fiquei pensando como ela conseguia respirar com aquela máscara fechada.

Observei também que os seus olhos eram muito azuis, e se encaixavam perfeitamente nos buracos daquela máscara. O conjunto da moça era muito lindo, no todo. Tinha que tentar passar a noite com ela.

Me vesti com a minha mais alta cara de “esse cara sou eu”, e fui em direção àquela beldade. Ela se contorcia de uma maneira que me deixava imaginando coisas.

Bem ou mal, comecei a dançar na frente dela, tentando chamar sua atenção. Ela deu um sorriso para mim, com aqueles olhos imensos, e lançou uma “bitoca” com aquela boca que eu já imaginava em meus lábios.

Inocentemente, comecei a chegar mais perto daquela mulher, e aos poucos fui tocando em seu corpo, como se fosse casual (acredite se quiser...)

No momento, ao ouvir ela falar (?), não pude compreender o que ela dizia, mas como eu estava me achando o dono da cocada, imaginei que era algo referente a nós.

Aproximei-me mais ainda dela, e tentei abraçá-la. Mas senti uma coisa me segurando no ombro, e o olhar de medo que surgira no rosto dela.

Percebi, quase tarde demais, que a moça estava acompanhada, e não tinha visto o seu parceiro chagar atrás de mim. Ela tinha toda a minha atenção, e não notara mais nada ao nosso redor.

Instintivamente, voltei-me a tempo de me esquivar de um golpe, que por pouco não me pegara desprevenido. Apenas tive tempo de me abaixar, e aquele tentáculo passou raspando sobre minha cabeça.

Em poucos segundos, tinha saído correndo do meio do salão, e pude ver várias tenazes, grandes e pequenas, vindo atrás de mim. Não tive muito tempo para pensar o que era aquilo, pois minha vida estava em risco.

Rompendo entre as mesas, acabei derrubando muita bebida no chão, e algumas delas soltavam fumaça e faziam buracos no chão, como se ácidas fossem. Mas quem, em sã consciência, beberia algo assim?

Restava ir de encontro aos meus colegas, mas onde eles estariam, que não os via em lugar algum? Fui em direção à porta do clube, e acabei por ver no espelho que tinha lá na entrada, várias caras e bocas — não nesta ordem necessariamente.

Onde eu estava? Ali haviam seres que tinham seis, oito pés, quatro braços. Onde eu estava não era, com certeza, minha cidade; nem, acredito, meu lar.

Saindo pela porta, fui de encontro à mesa de onde havia saído para entrar no recinto do clube, e lá vi meus amigos, todos parados, como se em êxtase. Não haviam dado um passo ainda, e eu já voltava de dentro. Mas como?

Observando a reação que eu apresentava, todos correram para me ajudar, e assim não caí em cima de uma senhora que estava querendo entrar.

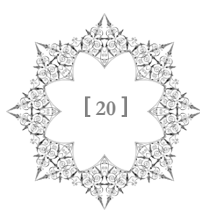
Não pude deixar de ficar olhando para ela, enquanto entrava pela porta que eu acabava de sair. Mas nada de estranho aconteceu com ela. Ela subiu as escadas e foi em direção à pista, sem qualquer percalço.

Havia, no entanto, uma mancha de tinta na minha camisa, e uma parte do meu cabelo havia sido cortada, como se com uma máquina, de tão rente. Mas ninguém parecia ter notado minha ausência.

Os momentos que havia passado nas últimas 3 horas (para mim, pelo menos, era isso que parecia) não poderiam ter ocorrido naquele local. Mas não estava conseguindo qualquer explicação para o que ocorrera ali.

Somente que, agora, passados uns 200 anos daquele dia, me encontro observando eu observando uma garota (de outro sistema planetário) que é uma sereia, e eu estou babando por ela — ou melhor, o eu antes de hoje...

Em tempo: se você não observou, cada parte do conto fala sobre o que é escrito com a palavra que se forma unindo as letras em **negrito**, destacadas no início de cada parágrafo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sonhos do futuro

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

O futuro é um sonho que se busca alcançar...
Um desejo profundo do que se quer realizar.
No horizonte distante, um brilho a cintilar,
esperança e mistério que nos faz sonhar.

Mas o que será, então, esse amanhã tão incerto...
Um plano delineado ou um caminho aberto?
Será que o futuro guarda algo a nos surpreender,
ou apenas o presente é o que devemos viver?

Sonhos do amanhã, por que não sonhar mais alto?
Nas largas asas da imaginação, deixar-se levar...
Pois o futuro é uma tela em branco a se pintar
e cada escolha é um traço que podemos trilhar.

O amanhã pode ser bom, quem pode prever?
Talvez seja melhor deixar o destino correr,
abraçar o agora, o momento que nos é dado...
Viver plenamente, sem medo do inusitado.

No presente, encontramos certezas na jornada.
O futuro é um enigma, uma estrada velada...
Por isso, viver o hoje é de grande sabedoria.
O futuro, quem sabe, é a mais pura fantasia!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mimetismo (Parte 1)

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura - com a qual colabora desde o nº 37 -, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e quinze antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

PARTE 1

Anthony B.M.
Cozinheiro 308A
Astronave *Hyperbug*
Início do Diário Particular

Meu nome é Tony.

Agora, sem mantimentos e com todo o tempo disponível, escrevo sobre a aventura da qual todos nós participamos. Talvez a lei do silêncio prevaleça. Não seria surpresa. Porém, antes que a poeira do tempo cubra as minhas memórias, mantere aqui os fatos conforme vi e testemunhei. E, em que pese qualquer censura, cedo ou tarde tornarei a público aquilo que descobrimos, vimos, sentimos e deixamos.

Pro inferno com as regras, ordens e hierarquias.

Não sou um erudito, um cientista ou um militar.

Sou apenas o cozinheiro dessa bagaça espacial.

Nunca deram bola pra mim, exceto, claro, quando a fome apertava. No restante do tempo, eu não passava de um acessório qualquer, quase sem nome, como, digamos, o cesto de lixo ou o vaso sanitário. Nada dignificante ou memorável...

... Até a ocasião em que eu salvei o traseiro de todo mundo.

Sim, eu fiz isso, não foi?

Pelo menos até o nosso retorno à base, eu serei tratado com a consideração e o respeito que sempre fiz por merecer. E, mesmo que o neguem no futuro, em meio aos seus orgulhos e vergonhas, a verdade continuará escrita no muro de suas almas.

Mas deixe-me começar do começo.

Eu fui escalado para tomar parte de uma pequena equipe de exploradores espaciais.

A bordo na astronave *Hyperbug*, fomos enviados da base marciana de *Hellas Planitia* para a mais detalhada exploração do Cinturão de Asteroides já realizada. Oficialmente, a missão seria a de reconhecimento sobre quais daquelas rochas espaciais

teriam melhor aproveitamento econômico na expansão humana cada vez mais acentuada pelo Sistema Solar.

— Entretanto — disse o comandante Andrew —, sub-repticiamente, deveremos solucionar um mistério.

Fez suspense, como era o seu estilo. Ele devia ter ensaiado o mês inteiro para poder usar essa expressão, "sub-repticiamente", mas, reconheçamos, pronunciou-a a perfeição.

— Mistério, senhor? — falou seu imediato, a personificação do puxa saco.

— Sim, Michael. Vamos investigar as desapareições de várias espaçonaves em uma certa área do cinturão.

— Desapareições, senhor? — disse o sujeito, naquele seu tique irritante. — Mas não se acidentaram?

— É o que os governos comunicaram à imprensa e aos familiares. Na realidade, não sabem de coisa alguma. Num dado instante, tinham a imagem da nave em seus radares; depois, nada. Uma delas chegou a enviar um pedido truncado de socorro, porém, não fornecia informação alguma sobre o que teria ocorrido. Por isso, embora sejamos apenas uma nave civil, estamos submetidos às ordens dos militares e trouxemos a bordo o arsenal.

"Arsenal", um jeito meio suave de dizer que carregávamos ogivas nucleares o suficiente para pulverizar um continente. Era como estar sentado na extremidade de um canhão com alguém doido de vontade de dispará-lo. Uma sensação nem um pouco confortável.

Por que tudo isso?

Convenhamos, nem todos os membros da Coligação Planetária são unânimes quanto aos rumos tomados na colonização do sistema solar interior. Disputas recentes pelos céus venusianos quase descambaram para o conflito armado. E vozes mais enérgicas começaram a se levantar em relação aos recentes voos para além de Marte. Um estado não declarado de guerra tem sido iminente faz quase um ano. Não havia dúvidas de que a base suspeitava de que poderia haver uma facção hostil por trás dos recentes desaparecimentos. Talvez até tivessem colonizado algum asteroide sem uma assembleia prévia, contrariando o Tratado de Assentamento Galileano.

E foi nesse clima que para lá nos dirigimos.

A mais caótica pilha de sucata espacial.

O Cinturão de Asteroides.

Não sei quem foi o infeliz que batizou a nossa nave — *Hyperbug* —, mas imagino que devia ser alguém de um certo humor. O nome fazia-me pensar num imenso besouro rola-bosta, escarafunchando os asteroides para neles depositar seus ovos, ou seja: nós. Não me senti nada lisonjeado.

Não fosse a tensão a bordo em relação a uma possível batalha, a viagem seria um tédio só. Ao menos para mim. Tirando-se os preparativos para as refeições e lanches, eu não tinha muito mais o que fazer. Ocupava-me lendo ou assistindo a algum vídeo a fim de não pensar na sepultura claustrofóbica em que me encontrava. Tentava inventar algum prato novo também, submetendo o imediato Michael como a minha cobaia involuntária.

Utilizando a propulsão quântica, a *Hyperbug* voou para uma região particularmente densa. Precisou realizar uma série complexa de manobras a fim de desviar-se de rochedos cujo tamanho variava de um grão de areia a montanhas. Por vezes, conforme a nossa velocidade, um grão de areia poderia ser mais destrutivo do que uma montanha, numa paródia cósmica de Davi e Golias, afinal, as montanhas eram fáceis de detectar. Podia-se enxergá-las, entende?

A comida a bordo constituía-se basicamente de congelados e/ou desidratados, como não poderia deixar de ser. Na verdade, até um símio treinado poderia prepará-la. Entretanto, vanglorio-me em dizer que o meu dom consistia em transformar o intragável no palatável, fazer o insosso tornar-se apetitoso. Os macacos que me perdoem, mas para isso era necessário talento.

Minhas raízes orientais ajudaram sobremaneira.

O Oriente sempre foi a terra das especiarias. Por elas, os europeus pagavam o seu peso em ouro, e ainda obtinham lucros astronômicos ao revendê-las depois. Elas impulsionaram as grandes viagens e descobertas marítimas, mudaram a face do mundo. Ah, nunca subestimem o tédio de um bife sem tempero! Sou especialista em condimentos e ervas aromáticas. Não entendo um nada de computadores ou física de partículas. Porém, tragam-me açafrão, gengibre, coentro, noz-moscada, cravo-da-índia, pimenta, páprica, *curry* e todo o resto. Farei você devorar papelão picado como se fosse um manjar dos deuses. "O segredo está no molho", esse é um grande ditado.

Assim sendo, não me subestimem! Não fosse por mim — modéstia a parte —, o resto da tripulação teria se matado há muito tempo. Nada como uma comida saborosa

para aplacar seus ânimos, domar suas ansiedades e aplacar seus medos junto com o apetite.

Mas vamos a vaca fria.

A *Hyperbug* descreveu arcos ao redor dos asteroides. A maioria deles não passava de punhados de batatas esburacadas sem o menor atrativo. Tão sem graça quanto Fobos e Deimos. Alguns possuíam "batatas" menores, orbitando ao seu redor; outros, formavam conjuntos de três ou quatro girando em torno de um centro de gravidade comum. Um deles até ostentava um tênue sistema de anéis; coisa linda de se ver, admito. Outros continham reservas consideráveis de gelo, importantes para a obtenção não somente da água em si, mas de hidrogênio e oxigênio. Mas, os mais interessantes eram os de natureza metálica. Estes formavam enormes jazidas sobre as quais indústrias completas seriam instaladas para processamento e moldagem de peças para astronaves, estações espaciais, máquinas e novas indústrias. Todos foram catalogados e minuciosamente investigados; suas órbitas, registradas e os dados retransmitidos à base em Marte para futuros exploradores. Por enquanto, nada de atividade inimiga.

— Não devíamos investigar Ceres, senhor? — Perguntou Michael em dado momento.

— Ele não se encontra na área dos desaparecimentos e, creio eu, seria um alvo óbvio demais para a instalação de uma colônia. Se há inimigos por perto, não seriam tão óbvios.

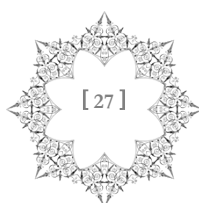
— Sim, senhor.

— Porém, como já estamos aqui — acrescentou. — Não custa nada darmos uma espiada, Michael, afinal, é uma importantíssima fonte de água. Bem lembrado.

— Obrigado, senhor — falou o imediato, inchado de orgulho.

Ceres era o maior corpo em meio aos asteroides. Ao contrário da maioria, possuía um formato esférico e, por algum tempo, fora classificado pelos adoradores de rótulos como planeta anão.

Todavia, foi depois do milésimo quadragésimo terceiro asteroide analisado que um estranho sinal foi recebido.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Mimetismo (Parte 2)

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado em concursos da Conexão Literatura - com a qual colabora desde o nº 37 -, Ed. Arame Farpado e Ed. Mhajulla. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e quinze antologias. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Era uma Vez um Outono", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

PARTE 2

Todos na astronave ficaram sobressaltados.

O comandante Andrew fez soar o alerta.

— Armamento convencional em prontidão!

Não deveria haver transmissão alguma por lá, naquele momento, naquela posição. Não vinha de nenhuma estação espacial extraviada ou sonda conhecida e, tampouco, de uma astronave da Terra.

Todos as tentativas de comunicação não obtiveram resposta.

— Talvez não possam responder — sugeriu alguém.

— Não podem ou não querem?

Então, esse alguém acrescentou:

— Essa frequência não é utilizada por nenhum dos nossos transmissores, senhor.

— Dos nossos aliados, você quer dizer?

— Não, senhor. Dos transmissores da Terra, das colônias, das estações espaciais, das sondas... de tudo, senhor. Digo, nenhuma transmissão *humana*.

Houve um coro de interjeições assombradas.

— Quietos! — ralhou o comandante.

Antes que isso despertasse todas as fantasias da humanidade em relação ao tão sonhado primeiro contato e alguém viesse a escrever "*WOW!*" na parede do banheiro da *Hyperbug*, o comandante Andrew ordenou cabeça fria e uma análise metódica sobre a origem desse sinal.

A primeira suspeita, obviamente, recaiu sobre Júpiter. O monstro gasoso não se encontrava longe, astronomicamente falando, e tratava-se de um forte transmissor de ondas de rádio. Mas não era esse o caso. Falou-se em peculiaridades no comprimento de onda e babaquices afins. Enfim, não obstante todo o ceticismo, a frase que ficou repercutindo por toda a nave, dita pelo comandante, foi: "emissões *não naturais* de pulsos eletromagnéticos". Ora, o oposto de algo não natural não era *artificial*?

— Emissões artificiais de ondas!

— Uma tentativa de contato!

— Alienígenas!

— Calem-se!

O entusiasmo crescente precisou ser contido pelo comandante. Ele exigiu o máximo de prudência. Milhares de falsos contatos haviam sido anunciados, expondo posteriormente os envolvidos à maré do ridículo. O comandante Andrew nutria ambições maiores do que permanecer a bordo de uma lata velha exploratória do quarto escalão. Assim, proibiu qualquer menção do caso nas comunicações pessoais da tripulação e, principalmente, à base. Iriam investigar e, somente após os resultados conclusivos, relatariam o ocorrido fosse apenas a descoberta de mais uma curiosidade cósmica ou a maior descoberta de todos os tempos — caso em que o comandante saberia tirar o melhor proveito.

Fez, então, nosso enorme rola-bosta do espaço rolar em direção à fonte do sinal.

Uma expectativa louca dominava os astrobiólogos a bordo. Saltitavam feito crianças a espera do doce predileto.

Depois de uma complicada travessia no interior de um enxame de asteroides, finalmente, atingimos a origem do suposto sinal não natural de pulsos eletromagnéticos.

Era um asteroide.

Pedra, somente isso.

Foi meio decepcionante.

Apenas outro pedaço de rocha.

Sequer era formado por gelo ou ferro.

Nada que viesse a despertar a nossa atenção.

Exceto por aquele sinal, que, subitamente, cessara.

— Parou? — disse o comandante.

— Sim, senhor. Tão logo emergimos neste quadrante.

— Muito estranho.

— Sim, senhor — concordou Michael.

Estávamos a pouco mais de dois mil quilômetros quando a coisa silenciou. Foi bizarro. Ela emitira um sinal regular por várias horas; quem sabe, durante séculos ou milênios e, de repente, ante a nossa aproximação, calara-se. Usando um termo extremamente científico e técnico, todos nós — inclusive o comandante — ficamos com o fi-o-fó na mão. Porém, conforme já dissera um grande filósofo desconhecido: *o que é um peido pra quem tá cagado?* Seguimos em frente.

Sob as ordens do comandante, esmerei-me em preparar alguns quitutes saborosos e guloseimas espetaculares a fim de distrair o pessoal. Estômagos contentes pensavam

melhor. Isso serviu para distrair a mim próprio e, sem falta modéstia, sai-me muito bem. Um ou outro precisou depois ir às pressas ao banheiro, mas, o que posso dizer? Nada é perfeito.

E o grande desconhecido desfilava diante de nós, bem na nossa vizinhança, oriundo sabe-se lá de canto do Universo. De onde teria vindo? Quais seriam as suas intenções? O que comeriam? E quanto a aparência?

Após algumas computações telemétricas, foi determinado que a transmissão partida da maior cratera existente no tal asteroide. Era excepcionalmente profunda, mergulhada na escuridão, pois, além de suas paredes serem altas, seu ângulo estava acentuadamente inclinado em relação ao Sol.

— Vamos em frente! — ordenou o comandante, sempre lacônico.

Teria sido somente eu a perceber o tremor em sua voz?

A *Hyperbug* avançou.

Todo mundo prendeu a respiração.

Os instrumentos registravam tudo o que podiam.

Excetuando-se pela vibração dos motores, tudo era silêncio.

Alguém apontou para uma fileira de picos que acompanhava a borda da cratera. Alguns estranharam tal formação, achando-a incoerente, fosse em relação a crateras de impacto ou de natureza vulcânica.

Posicionamo-nos no meio da cratera, esquadrinhando o fundo escuro onde o radar denunciara uma fenda ou caverna.

Foi quando aconteceu.

De repente, os instrumentos enlouqueceram. Aqueles picos começaram a elevar-se diante de nós, tanto de um lado quanto do outro da borda da cratera, um cume indo de encontro ao outro até se tocarem.

Tudo terminou na mais absoluta escuridão.

— Que porra é essa?

O pavor tomou conta de nós, independentemente de posto.

Ninguém sabia explicar o fenômeno.

Terremoto?

Desmoronamento?

Colisão de placas tectônicas?

Até que, finalmente, eu traduzi em palavras a visão extraordinária que tivéramos:

— Fomos devorados pela bocarra do asteroide!

Bocarra?

Sim, bocarra.

Asteroide?

Não, não asteroide.

— Impossível!

— Tem uma explicação melhor? — respondi, sem me dar conta de que havia sido o nosso comandante. Mas ele estava tão apalermado que sequer se deu conta da insubordinação. — Digo, senhor?

Aquilo lá fora não era um pedaço qualquer de escória cósmica. Tratava-se de um tipo de criatura, um monstro colossal, que, no cinturão, disfarçara-se de asteroide e atraía suas presas através de um sinal. Era como certos peixes da Terra que agitavam sua primeira barbatana dorsal, cuja extremidade possuía uma protuberância em forma de verme ou alga. Agitando essa isca, faziam a presa aproximar-se mais e mais de sua boca até darem o bote. Nós tínhamos sido "pescados".

Ninguém acreditou, gritando incoerências aos quatro ventos. Quem esse reles cozinheiro achava que era? Um *expert* em vida extraterrestre? Um zoólogo? Não fosse o terror que me dominava, eu teria mandado esses esnobes para aquele lugar. Eu já vira bocas demais abrirem-se e fecharem-se para saber do que estava falando.

Surpreso por encontrar aquilo?

Claro que eu estava!

Mas imaginar algo familiar como uma boca foi a minha boia salva-vidas no oceano de insanidade que começava a se sobressair. Aquelas pessoas habitualmente inteligentes, autoconfiantes e extremamente pedantes agiam como a plateia de um circo no qual os leões haviam escapado.

O comandante procurava colocar ordem na *Hyperbug*, mas ele próprio sentia-se perdido. O homem, literalmente, rastejou na minha direção e perguntou-me — Sim, a mim! — o que deveríamos fazer.

Sou um cozinheiro, não sou?

Sei preparar pratos deliciosos para os paladares mais exigentes. Mas também posso provocar uma baita caganeira em alguém só acrescentando algumas pitadinhas de laxante, caso eu não vá com a fuça do miserável. Por sinal, levando-se em conta alguns deles naquele momento, bem que mereciam.

Ouvimos uns ruídos amedrontadores vindos de fora.

A nave movia-se, roçando pelas paredes de aparência rochosa.

— Estamos sendo engolidos! — berrou alguém.

Ahá! Estavam começando a acreditar em mim, então?

Bem, eu não via com bons olhos a *Hyperbug* atravessando todo o sistema digestivo e os intestinos daquilo — supondo que os tivesse — para depois ser expelida junto com um punhado de diarreia alienígena através de uma "cratera" apertadinha. Uma coisa era a astronave ser comparada a um besouro rola-bosta, a outra seria virar a própria. Optei pelo extremo oposto da evacuação. Sob minhas instruções, os tripulantes disponíveis retiraram as ogivas e lotaram tantos mísseis quantos puderam com quase tudo aquilo que eu tinha na cozinha, principalmente as especiarias, algumas oriundas dos lugares mais exóticos de nosso planeta que até para o meu olfato causavam náuseas, que dirá o paladar. Feito isso, falei para o comandante disparar tudo na direção da garganta para onde a *Hyperbug* estava sendo levada.

Os mísseis foram disparados.

Aguardamos.

Momentos depois, fomos sacudidos violentamente por ondas de choque vindas de todos os lados.

— A coisa está tendo convulsões!

Os instrumentos voltaram a transmitir dados conflitantes.

As paredes da astronave batiam de um lado a outro.

Temi que o casco fosse se romper.

Faíscas pularam de alguns painéis.

O comandante Andrew gritou ordens e mais ordens.

Então, através de uma força inacreditável, fomos expelidos da criatura asteroidal.

— Estamos livres! — gritaram os tripulantes em coro, ao poderem, mais uma vez, vislumbrar os asteroides, as estrelas e, mais além, o vulto impressionante de Júpiter. — Livres!

Rimos e choramos de felicidade.

Os propulsores foram ligados e fugimos dali a toda velocidade.

Nossas câmeras de ré tinham sido recobertas por uma mistura de muco e poeira, mas um braço mecânico conseguiu limpá-las um pouco.

E vimos.

A coisa mudara de forma.

De uma aparente batata esburacada, tornara-se fusiforme, ainda fazendo destacar a sua boca imensa. Embora tivesse quilômetros de comprimento, movia-se agilmente. Não possuía membros ou olhos que pudéssemos reconhecer, todavia, era dotada de sentidos. Localizou-nos e, impelida por algum sistema de propulsão desconhecido, veio em nossa direção.

— Que desgraceira é essa?

Rapidamente, o comandante ordenou que os mísseis remanescentes fossem utilizados. Todos foram disparados na direção do monstro.

As ogivas nucleares explodiram silenciosamente como pequenas supernovas.

Pétalas de luzes, gases e poeira radioativa abriram-se no espaço.

A coisa foi destruída em um milhão de fragmentos.

A subestimada *Hyperbug* tomou rumo para casa.

Os astrobiólogos, ainda chocados, formularam a hipótese de que a criatura devorava asteroides. Todavia, ao detectar a presença da nossa nave, modificara a sua forma a fim de assemelhar-se a um deles. A seguir, emitira o sinal para nos atrair em direção a sua boca disfarçada em cratera.

Várias perguntas ficaram sem resposta.

O alienígena viera do espaço interestelar ou seria de nosso próprio sistema solar?

Existiriam outros? Estariam a espreita entre os asteroides, ou, mais além, no Cinturão de Kuiper ou na Nuvem de Oort? Vieram com os cometas?

Qual a natureza de sua biologia? Teriam raciocínio? Como sobreviviam ao vácuo do espaço?

Poderiam chegar às colônias? À Terra? Seriam capazes de devorá-la?

Os cientistas debateram essas questões no caminho de volta.

— Lamento, Michael — disse o comandante. — Ceres ficará para a próxima.

— A essa altura, senhor, só desejo rever a minha esposa.

— Eu também, imediato. Eu também...

Nenhum dos dois cogitava de, algum dia, voltarem a participar de outra missão naquele lugar.

Por solucionar o mistério do desaparecimento das outras naves, tudo o que o comandante Andrew desejava era trancar-se em sua cabine e preparar um discurso. Faria

alguma menção sobre quem, de fato, salvara o dia? Duvido... Tudo bem. Ainda sobrara um pouco de laxante.

Ganhei inúmeros tapinhas nas costas. Sim, por algum tempo, eu fui notado e até tratado com a consideração e o respeito que sempre mereci. Intimamente, porém, não me senti nem um pouco lisonjeado.

Nós havíamos sido vomitados, essa era a realidade.

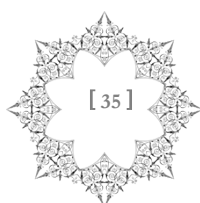
Ora, nenhum comensal reagira de uma forma tão violenta a um prato meu!

Final do Diário Particular

Astronave *Hyperbug*

Cozinheiro 308A

Anthony B.M.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

3A: O Semeador do Futuro

Por Rosa da Terra

Rosa da Terra é escritora brasileira, com participação em antologias e concursos literários nacionais. Sua escrita transita pela poesia e pela prosa contemporânea, abordando temas como tempo, identidade, escolhas e transformação. Desenvolve projetos autorais ligados à literatura e à cultura, mantendo uma produção voltada à sensibilidade, reflexão e ao diálogo entre o humano e a palavra.

O céu sobre a Amazônia já não era o mesmo. Não havia fogo nem fumaça, apenas uma pulsação rítmica que tingia as nuvens de um violeta profundo, quase metálico. No centro dessa aurora impossível, o objeto que os cientistas chamavam de 3A — e que os antigos já sentiam nos ossos como o Sentinela de Plasma — flutuava em um silêncio absoluto. Para os satélites, era uma anomalia física; para a floresta, era um reencontro.

A frequência emitida pelo objeto era inaudível para o ouvido humano comum, mas as onças-pintadas pararam sua caçada simultaneamente, erguendo as cabeças em direção ao zênite. Nas aldeias, os pajés não precisavam de telescópios. Eles sentiam a vibração nas solas dos pés, um formigamento que subia pela espinha e destravava gavetas esquecidas na memória celular. O Semeador de Frequência havia chegado para afinar o que a humanidade havia desafinado por séculos.

Enquanto os centros de pesquisa em Genebra e Houston entravam em colapso tentando decifrar a composição daquele Sentinela de Plasma, a verdadeira ciência acontecia no silêncio das aldeias. A 3A não emitia dados binários; ela emitia vida. Era um Espelho Ancestral que, ao pulsar em cores impossíveis, forçava cada ser vivo a encarar sua própria origem. Nas cidades, o som inaudível manifestava-se como uma súbita clareza mental ou um desconforto profundo com a artificialidade do concreto. Mas na floresta, o sinal era limpo.

Os povos indígenas, como protagonistas morais dessa transição, tornaram-se os tradutores do cosmos. Eles percebiam o que os satélites ignoravam: a 3A estava ajustando a frequência da Terra, como um músico que aperta as cordas de um violão negligenciado há milênios. Kwaray, o jovem guardião da memória de seu povo, fechou os olhos e viu o portal vibrar sob seus pés enquanto a luz da 3A mudava de um azul elétrico para um dourado orgânico. “Ela está semeando o amanhã nas células do ontem”, sussurrou ele.

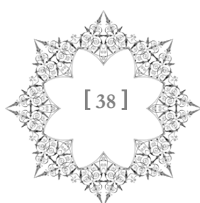
À medida que o Semeador de Frequência se aproximava do primeiro portal geológico, a atmosfera ao redor do objeto começou a se comportar como um fluido. Não era apenas luz: era plasma consciente. A 3A pulsava agora em um tom de esmeralda profundo, a cor exata das matas virgens antes de serem tocadas pela mão da ganância. Esse brilho não iluminava o exterior, mas sim o interior de quem o observava. Os líderes das nações desenvolvidas tentaram cercar o fenômeno com drones, mas a tecnologia baseada no silício falhava diante daquela emissão orgânica. O futuro não poderia ser medido, apenas sentido.

Os povos indígenas interpretavam os sinais que a civilização moderna chamava de “ruído”. Eles liam na variação do plasma as instruções para a nova era. Kwaray percebeu que a 3A não estava apenas emitindo uma frequência; ela estava extraindo a memória celular de tudo o que era puro na Terra para salvaguardar no amanhã. O Semeador estava colhendo a essência para replantá-la em uma dimensão onde a espiritualidade e a natureza não fossem mais separadas da existência cotidiana.

O ápice ocorreu quando a 3A atingiu o zênite sobre o portal principal. O objeto explodiu em um espectro de luz branca perolada, fundindo todas as frequências em uma só. O som inaudível finalmente tornou-se uma vibração rítmica que podia ser sentida no peito de cada ser humano, um batimento cardíaco planetário que harmonizava o caos das cidades com o silêncio das florestas. Kwaray e seu povo ergueram as mãos para acolher a descida daquela energia. Seus corpos já conheciam aquela linguagem.

A memória celular, agora plenamente desperta, revelava que a humanidade não estava diante de um fim, mas de uma reconfiguração. O Semeador de Frequência havia terminado de afinar o instrumento terrestre. A luz começou a se dissipar, deixando para trás uma atmosfera mais límpida e uma sensação de interconexão que a tecnologia jamais conseguiu simular. O Sentinela de Plasma cumpriu seu propósito como o Espelho Ancestral, refletindo para a humanidade a sua própria capacidade de evoluir. O futuro já não era uma promessa distante de máquinas e aço, mas um presente orgânico, semeado pela 3A e cultivado por aqueles que ainda sabiam ouvir o espírito da Terra.

O novo ciclo havia começado.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Aguilhões

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

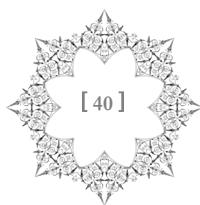
Para defesa e só, deveriam ser...
se salvaguarda preciso fosse.
Ferem a quem busca a luz...
e a quem as rosas aprecia.

Negam a paz e ignoram o amor
os hostis e ávidos acúleos.
O rubro líquido na dor extravasa
e aponta... o retroceder da história.

Já se perde do teatro a peça
na obscura e pesada crítica
que num ardiloso interesse
magoa e macula na espera.

Às vezes parece o jogar dados
com o superego... É-nos próprio
um incoerente proceder?
A nos pendular um errante caráter?

Bizarro decurso que teima...
Se possível dominá-lo fosse!...
Ou pelo menos do contrassenso,
endireitarmo-nos a tempo.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Dúbia esperança

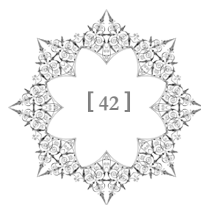
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Eu
Sempre
Pensando
Em
Resultados
Ainda
Não influenciando...
e aÇão
nAda!

Esperançar somente... a diluir a vida...
a permitir retrocessos.

Agir em prol de equilíbrio... a sustentar a vida...
a permitir futuro.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O mundo em que chegamos

Por Sérgio Lapastina

Escritor, jornalista, palestrante, apresentador, cachorro e dirigente umbandista, Lapastina sempre classificou a criatividade e a inovação como suas principais características dentro do universo da Comunicação e da Cultura.

Faz de seus textos, assim como de suas falas, um grande bate papo com o leitor, o levando a unir seus pensamentos, experiências e expectativas. Afinal de contas, juntos é sempre melhor.

— Bom dia, Sérgio. São sete e trinta. Hoje é quarta-feira, dia oito de novembro de dois mil e setenta e nove. A temperatura é de exatos vinte e seis graus celsius e não há previsão de chuvas para o dia de hoje. Se você sair de casa às oito e vinte a previsão para chegada no seu local de trabalho é de ...

Chega, eu não vou conseguir sair de casa em menos de uma hora. Preciso reprogramar esse despertador; todo dia é a mesma coisa. Como é mesmo que faz isso? Nada mais hoje em dia tem botão, é tudo acionado por voz.

Como se, a essa hora da manhã, eu tivesse alguma voz minimamente decente. Ah, deixa pra lá; mais tarde vejo como faz isso.

Se aquelas coisas... como é que chamavam mesmo? Alexandra? Alessia? Não, era parecido, mas não era isso. Que seja!

Se ao menos aquelas coisas tivessem dado certo, era mais fácil. A gente pedia e elas mesmo se reprogramavam, tocavam música, davam dicas do que assistir.

Hoje em dia é tudo uma coisa só. É uma marca que faz tudo e a gente tem que se contentar com isso. Ao menos, na maioria das vezes, o que ela faz funciona e, não posso reclamar, é ela que paga meu salário.

Lembro que a gente achava que o mundo ia ter robôs para tudo, fazendo monte de coisas dentro de casa, nos deixando com mais tempo para fazer o que a gente pensava que podia fazer.

Pois é, não vieram esses robôs e, mesmo tendo mais facilidades, tudo que não temos é tempo para fazer o que se quer fazer. Em verdade, acho que não soubemos é falar o que realmente queríamos fazer. Deixamos nas mãos dessa tecnologia, de que chamávamos de inteligência, mas esquecemos que era algo artificial, sem emoção, sem o sentimento de que somente valeria a pena se nos trouxesse algo melhor.

Tem muita gente que acha que está bom. Sempre tem. Não são, ao contrário do que pode parecer, os otimistas. São os conformados, aqueles que desistiram de buscar, de tentar, de perceber que pode ser melhor.

Muita coisa melhorou? Sim, isso é inegável. Vejam por exemplo. O chuveiro sabe qual temperatura da água eu gosto e, caso queira algo diferente, é só falar. Já saio e o próprio banheiro tem uma temperatura agradável que basta eu bater uma toalha que me seca. Toalha aliás que é de um tecido que começa com “plio” alguma coisa e que é

descartável. Secou, joga no cesto de lixo dos tais “plios” e vão para a reciclagem. Final da semana, tem mais toalhas de plio essa coisa aí na porta de casa. Que maravilha.

Aliás, todos os tecidos são desse material. É uma delícia, superconfortável, tem de todas as cores, mas sabe aquele toque áspero do algodão? Sim, perto do tal plio, o algodão era muito mais áspero. Então... sinto falta.

O elevador reconhece minha presença. Deve ser essa pulseira que tenho. Todo mundo tem. Ela faz meio que de tudo. Se me perguntarem o que é que ela faz, eu digo que não sei o que ela não faz.

Por que não falei dela antes? Porque eu somente a coloco quando saio de casa. Tem gente que fica o tempo todo com ela, dorme, toma banho. Ah, não sei, acho que não precisa... ainda. Outro dia fiquei sabendo que vão implantar novas funcionalidades e que o Escritório Central vai determinar que fique o tempo todo no braço.

Se tem mais coisas boas? Opa, claro! A gente não tem mais carros. Em verdade se quiser ter até pode, mas é para dizer que tem. Seja para ir de casa ao trabalho ou viajar, tem as linhas de transmissão. Basta ir até o ponto que o poste reconhece que você está lá e rapidinho chega um transporte para te levar até onde você precisa ir.

Como eles sabem onde é isso? Simples: a gente mesmo falou quando saiu de casa e veio o tipo de transporte mais adequado para te levar até lá. Uma coisa fantástica... se você não quiser descer no meio do caminho e parar na padaria. Tinha que ter falado antes.

No trabalho também tudo certo, automatizado, perfeito. Só cansa um pouco ver sempre as mesmas cores, ver tudo da mesma marca, sentir o mesmo “plio” sei lá o que em tudo que é coisa. Saudade do bom e velho plástico, da porcelana, da madeira. Agora é tudo ou o plio term (ufa, lembrei!) ou metal. Se bem que me falaram que o plio term pode endurecer tanto que vai substituir tudo que é metal muito em breve.

E quando digo que está automatizado, entendam como facilitado, muito prático, mas longe de ser o que muitos imaginaram, com androides fazendo as vezes de humanos. Estamos todos lá. Menos, claro, os botões. Esses também sumiram dos escritórios. Tudo é voz, tudo é feito com aproximação da pulseira e, não sei como, mas dá certo.

Nos bares ou restaurantes, a mesma coisa. Não temos mais as marcas das bebidas, é tudo uma coisa só com uma possibilidade semi infinita de sabores. Dá para comer muito bem, basta dizer para o aparelho na mesa o que você quer, como quer, aproximar a pulseira e um garçom — humano — traz. A conta você paga no mesmo aparelho.

E assim a gente vive. Vive bem, sem sombra de dúvida, mas olhando para as pessoas sentimos falta de alguma coisa.

Estamos sorrindo menos, estamos nos emocionando menos. Acabaram as discussões sobre futebol, política, religião e todos os outros assuntos que meus avós falavam que nunca deveriam ser discutidos. A gente discutiu tanto que deu no que deu.

Temos um só time que joga contra versões dele mesmo. Temos um só partido que não disputa contra ninguém. Temos o mesmo Deus que voltou, acho, a não se importar com o povo aqui do lado de baixo que não mais se importam em disputar, debater ou qualquer outra coisa que não somente o viver um dia após o outro.

Esse foi nosso maior erro. Quisemos ser tão simples, apenas aproveitar o hoje e deixarmos que o amanhã viesse da forma que fosse para vir que perdemos a perspectiva de melhorar nesse amanhã.

O amanhã, sabemos todos, vai ser igualzinho ao que foi o ontem e ao que está sendo esse hoje. Sem botões, com plióstern em todo lado, gente falando sozinha com suas pulseiras que não respondem, não precisam responder; apenas fazem o que lhes é dito para fazer.

E a grande, imensa, esmagadora maioria das pessoas está bem com isso. Afinal de contas, se tem uma dor de cabeça a pulseira identifica, avisa e mostra qual remédio tem que tomar. Ao se chegar em uma farmácia, basta aproximar o braço do aparelho e alguém traz o que tiver que trazer. A conta, claro, você paga no mesmo aparelho.

Mas todos tem recursos para fazer esses pagamentos? Tem sim. O caixa global assegura isso e toda a gestão de seus recursos financeiros são feitos nesse local. Se você quiser viajar, comprar algo que esteja fora do seu perfil... adivinhem? Exato: basta falar para a pulseira, ela faz o planejamento e te mostra como fazer da melhor forma possível.

Dá para viver sem a pulseira? Até dá — pelo menos até que não a tornem obrigatória. Mas, por quais motivos alguém iria querer fazer isso? Liberdade de ações? Autonomia de escolhas? Livre pensar e agir?

Temos, em verdade, tudo isso. Nada disso nos foi retirado. Apenas temos que fazer dentro de parâmetros que foram estabelecidos por nós mesmos, anos atrás quando nos juntamos para dizer que precisávamos acabar com debates e discussões que não nos levariam a lugar algum. Mas nos trouxe até aqui.

E daqui? Poderão perguntar alguns, para onde iremos?

Ah, isso ninguém quis saber. Foi tão difícil e custoso chegar aqui aonde chegamos, que sair nunca foi imaginado. Aqui era a nossa meta. Estar sem botões e com esse produto fantástico recobrimo nossos corpos e tudo mais o que tocamos.

Se perguntar (o que ninguém irá fazer, bem entendido) irão responder: sair para quê?

Acho que eu até poderia ter uma outra resposta ou até mesmo buscar responder esse para que com alguma proposta, mas ninguém ia querer ouvir. A não ser, claro, a pulseira que provavelmente recomendaria a visita a um psicólogo. Ah, sim, médicos ainda são humanos, mas é tudo on-line.

O elevador sabe qual é meu andar. A porta sabe que tem que abrir. O forno sabe que preciso comer alguma proteína.

— Boa noite, Sérgio. São dezenove horas e quarenta e dois minutos. A temperatura é de vinte e um graus e meio e deve chover a partir das três e meia essa noite. Se você se deitar às vinte e três horas e treze minutos, terá oito horas de sono e a programação para seu total relaxamento é...

Chega acho que dormir, ao menos dormir, eu ainda sei fazer sozinho.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Os 36 justos

Por Sheila Sacks

Jornalista formada pela PUC/RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação no serviço público de 1982 a 2024. Escreve para o site Observatório da Imprensa e é autora do blog Viajantes do Tempo - Voyagers!, com mais de 200 textos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.

Naquela tarde do ano 7 pós Príon - a proteína anômala e infecciosa que se instalou nos cérebros humanos - uma equipe especial da Patrulha Mentalizada, os *Spiritus*, visitava a Escola de Altos Estudos por um motivo perturbador. Uma das alunas, a mais excepcional, capaz de se infiltrar nas mentes humanas e bloquear pensamentos e memórias, havia se autoinfligido um castigo que a levaria em poucos dias à morte.

O drone pousou verticalmente no centro do círculo a 500 metros da Escola, no topo da montanha. A construção centenária estava instalada em um ponto escondido da Cordilheira dos Andes e foi requisitada pela União das Nações após o descontrole da vDCJ, uma pandemia que contaminou a população mundial de forma devastadora.

O desastre foi tão intenso que um novo calendário foi instituído a partir de 2070, o ano da hecatombe. Perto de dois terços da população se extinguiu, evoluindo de um mal-estar digestivo à demência e posterior paralisia de músculos e membros, afetando por completo todo o espectro neurovegetativo do corpo.

Os dois patrulheiros, Lior e Adinah saltam do drone e cumprimentam o diretor Aron que administra a educação dos aprendizes. — *Spiritus Sãos e Justos* — saúda Aron juntando as mãos em prece. Lior e Adinah eram pessoas queridas, estudantes acima da média graduados com distinção pela Escola. A inclusão de ambos no núcleo especial da Patrulha Mentalizada, os *Spiritus*, conhecidos internamente como Os 36, era uma vitória pessoal do velho professor e a prova imbatível que o cérebro, a mente e a alma compunham a tríade luminosa.

Caminham pelo pátio ladeado por belos canteiros de orquídeas andinas, de coloração vermelha, vinho e açafrão, em direção à imponente construção de granito encimada por um campanário que revelava sua origem monástica. No escritório de Aron, os antigos alunos ficam atentos ao relato do professor. — Seu nome é Luna — inicia Aron. — Desde os quatro anos tem visões. Acolhi a menina a pedido do avô, o mais respeitado guardião das tribos das montanhas nevadas do Norte.

De pé, Aron anda pelo aposento. De altura mediana, rosto largo e olhos amendoados, ele descende de uma lendária estirpe inca que em determinado tempo da história decidiu incorporar à sabedoria xamã os livros secretos das grandes religiões

universais. — Há dois dias ela se escondeu na floresta — continua. — Ontem a encontramos atada a uma quewiña, a árvore sagrada.

— Onde podemos conversar com a Luna?— indaga Adinah.

— A menina permanece na floresta. Se recusa a voltar. Preferimos não usar a força — relata Aron.

Lior, um escandinavo alto, de profundos olhos azuis, ergue-se ágil em seu uniforme metalizado. Um lampejo de contrariedade endurece suas feições. Adinah o acompanha. Filha de uma militar graduada dos desertos da África, ela tinha herdado a lealdade e a disciplina da mãe. — Luna tem apenas 15 anos — alerta Aron. — É uma adolescente.

Do lado de fora, uma escadaria íngreme dá acesso à floresta encoberta pela névoa do inverno que se avizinha. Dasan, o ajudante de Aron, acompanha da janela do campanário o trio desaparecer pela mata. “A terra molhada e os galhos nas trilhas vão dificultar a busca”, avalia. Nascido sem audição, ele se comunica por sinais e cuida dos jardins da Escola.

Reunida em uma sessão de emergência, a Junta da Corte Suprema ouve os testemunhos de Aron, Lior e Adinah sobre o incidente na Escola de Altos Estudos. Era o quarto dia de provação de Luna. Sem comer ou beber, ela permanecia na floresta revelando sinais de exaustão. Talvez as próximas 24 horas fossem cruciais.

— É preciso reforçar que depois de Prior algumas leis foram suspensas e outras refeitas — lembra o primeiro juiz em sua manifestação. — No atual regime jurídico não vigora a lei da Misericórdia.

— Da mesma forma, a lei da Maioridade está pausada – diz o segundo juiz.

— Qualquer desobediência civil que ponha em risco a sobrevivência da sociedade humana está fadada à pena máxima — enfatiza o terceiro juiz.

Sem se estenderem em detalhes, o veredito é apresentado em poucos minutos. Um som curto e agudo de uma sirene ecoa pelo tribunal e o temível círculo vermelho se acende por sobre as cabeças dos juízes. Os *Spirits* ficam de pé e se inclinam num gesto

de deferência aos três decanos. Aron repete o movimento. De posse da sentença, saem da sala da corte.

No dia anterior à sentença, a caminhada pela floresta ultrapassou o tempo esperado. Aron se confundiu no percurso das trilhas e a densidade da neblina interferiu no funcionamento das lanternas que detectavam o calor do corpo humano. Quando encontraram a menina, seus pequenos pés e mãos sangravam e ela parecia desacordada. Mas, ao tentar segurá-la, Aron foi empurrado.

— Não toque em mim, professor — grita a menina.

— Deixe-me ajudá-la – apela Aron.

— Sou o Lior e minha parceira é Adinah – apressa-se o patrulheiro em se comunicar. — Estudamos na Escola e sabemos que muitas vezes vozes astutas e ardilosas interferem no nosso processo de mentalização.

— São almas errantes, anjos caídos – reforça Adinah se ajoelhando ao lado de Luna. – Não dê ouvidos a essas vozes.

Abrindo os olhos, Luna se fixa no emblema dourado do uniforme onde a imagem esculpida do universo tem na base a inscrição Os 36. A menina conhecia as narrativas do povo da Bíblia sobre os 36 justos que a cada geração se renovam na sustentação do mundo. Pessoas simples, mas especiais, que com suas ações dão provas da grandeza do ser humano e impedem o fim do mundo.

Respirando com dificuldade, Luna demonstra impaciência. — Na tradição milenar de minha tribo matar alguém é viver com o espírito do morto. É trazer desgraça para si e a todos que estão ao redor.

—Mentalizar e descobrir os embriões de Prior ainda alojados nos humanos é nossa missão – insiste Aron.

Luna balança a cabeça em negativa. — Não! Prefiro morrer. Vão embora!

A escuridão já envolve a floresta e pingos grossos de chuva desencorajam prosseguir no diálogo. Luna revira os olhos e parece se ausentar da realidade. Lior dá

meia-volta e se afasta. Adinah segue o parceiro. – Vou reportar o incidente ao meu superior – declara Lior a Aron. – Ele saberá como proceder.

De posse do veredito, Aron e os *Spirits* retornam à Escola. É madrugada e a bruma cinzenta esconde a visão da floresta. Esperam o alvorecer e partem ao encontro da jovem. Mas, Luna havia desaparecido.

Durante três exaustivos dias os *Spiritus* se revezam na busca da estudante. Vasculham a escola, a floresta e o pequeno povoado ao pé da montanha. Por fim são chamados de volta à base e se despedem de Aron.

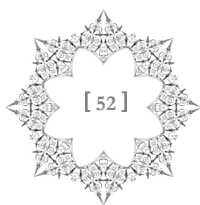
No quarto oculto do campanário, Luna enfim revela o segredo. Perplexo, Aron se dá conta da origem de suas dores de cabeça e do recorrente mal-estar que o acomete de tempos em tempos. Dasan, sentado na cama ao lado da neta, fala através de sinais.

– Você precisa preparar Luna. Ela preservará seu legado. Chame-a de Anabah, a que retornou.

Luna dá alguns passos e se aproxima de Aron. – Aceitei voltar com a condição de jamais denunciar meu mestre.

Ainda abalado, Aron sente-se alcançado pela finitude da vida. – Quando meu tempo findar, o lago da várzea será meu túmulo. E dirigindo-se a Luna, num gesto de gratidão e respeito, faz a deferência dos iniciados. – *Spiritus Sãos e Justos*. Seja bem-vinda Anabah!

Saem do quarto e vão para a janela do campanário. O majestoso condor se aproxima de Darsan. O curandeiro toca seu dorso negro e a ave se inclina em sua direção. Segundos depois, em um ímpeto ruidoso, o gigantesco pássaro alça voo e se perde no horizonte. Ao longe, as copas das árvores ondulam agitadas sob o sopro gelado dos ventos do Sul.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI